

FAMINTOS

LEON NUNES



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Escritor da aldeia, Leon Nunes, a cada penada e cada vez mais, nos surpreende. Elegante na escrita – parece escrever de fraque e a bico de pena, com cadência acadêmica –, é também ousado e misterioso e transita facilmente entre os mais variados estilos, alçando voos para além das nossas fronteiras. Famintos, obra que ora compartilha, se insere no gênero fantástico, que tem no jovem autor um de seus mais competentes nomes contemporâneos. Lendo-a, você verá que, matreiramente, ele nos coloca numa encruzilhada, ao costurar um mundo real, sob a ótica racional, com outro, inexplicável pelas leis naturais, abraçando a mais pura essência da literatura fantástica. E é assim que Nunes nos envolve, até obter nosso vacilo e arrancar de nós um "será que isso é possível?". Leial Famintos é fantástico!

Miguel Guggiana

Leon Nunes

Famintos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Leon Nunes

Famintos

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a autorização do autor.

Revisado pelo autor em: 12/03/2015

N972f Nunes, Leon

Famintos [recurso eletrônico] / Leon Nunes. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-074-5

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.
1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

“Pessoas famintas se tornam raivas; elas não compram alimentos, mas armas.”

Norman Borlaug (Prêmio Nobel da Paz 1970)

Sumário

Prefácio	9
Prólogo	11
Capítulo I	15
Capítulo II	21
Capítulo III	25
Capítulo IV	33
Capítulo V	39
Epilogo	47



Prefácio

Conheci Leon quando palestrei na Feira do Livro de Passo Fundo de 2012. Leon me encontrou perto do meio dia e falou que gostaria de falar comigo. Eu, entre palestras, convidei ele para almoçar comigo.

Aliás, eu estava faminto.

Naquele primeiro instante, Leon quis trocar umas idéias com um escritor mais experiente, entender seu processo de criação. Como o protagonista deste livro, Leon foi em busca do seu Professor Ambrose--neste caso, eu--fazendo criações macabras no seu laboratório sinistro.

Igual aos personagens principais deste livro, Leon e eu viramos colegas. Acompanho a carreira do Leon desde aquele primeiro encontro, e posso atestar que se trata de uma carreira em plena ascensão. Nestes últimos três anos, Leon publicou novos livros e teve seus contos selecionados para algumas das grandes antologias do gênero. Vejo ele em eventos literários variados, muitas vezes como palestrante ou fazendo sessões de autógrafos para seus leitores.

Por isso, foi uma grande honra receber o convite do Leon a prefaciar *Famintos*. Nas suas páginas, vejo claramente as influências de grandes escritores como H. P. Lovecraft e Stephen King, misturadas com o estilo do próprio Leon, que se afia a cada ano que passa.

Felizmente, a carreira do Leon toma um rumo mais alegre que a dos seus protagonistas. Na mesma medida, para o prazer dos seus leitores, as histórias do Leon são cada vez mais assustadoras.



Famintos

Agora, peço a sua perdão, caro leitor, para encerrar esta missiva e buscar um lanche. Escrever este texto me deixou outra vez esfomeado. A noite se avizinha; é hora de volver ao subsolo e ver o que tem ali escondido sob a penumbra...

Christopher Kastensmidt

Janeiro 2015



Prólogo

Quando fui designado a trabalhar como Professor Emérito na Faculdade de Biologia e Fisiologia UNCRUZ – sucursal Miskatonic estadunidense – foi, ao mesmo tempo, uma grande alegria e uma surpresa. O simples formar-se bacharel teria sido o zênite na vida pessoal-estudantil para um rapaz de vinte e tantos anos que viveu com muitas dificuldades financeiras – como eu. Tive talvez uns seis anos me acostumando a ser chamado de subprofessor; ingressar desta forma no professorado da UNCRUZ foi uma grande lição que aprendi com o tempo: pilhas de livros e responsabilidade além do limite e do cargo fizeram-me chegar onde estou. Lembro-me de meu primeiro dia de trabalho. Entrara pelas portas principais da faculdade como Professor Titular da instituição, egresso de tempos estudantis – fruto de muito trabalho; isso, porém, é passado. Como dizem: vale é o hoje. E o *hoje* é responsável pela maior descoberta que o Homem fez nos últimos duzentos anos (pelo horror também, sem dúvida por este último). Aliás. Professor Ambrose Vargas, seu nome; homem a quem me refiro. Cabelos grisalhos, barba espessa também grisalha – foi quem literalmente destruiu todas as ideias propostas por nosso grande pesquisador-naturalista Charles Robert Darwin. Quando a sociedade no geral [professores, biólogos, naturalistas, médicos, antropólogos] levava ao pé da letra os ensinamentos darwinianos, Ambrose simplesmente tirou da mente coletiva a ideia da *evolução*. Em seu lugar pôs a teoria da *transformação*, não aceita pelos acadêmicos classicistas e demais inscientes apoiadores darwinianos quando à sua descoberta; atualmente uma realidade tão palpável quanto a cadeira em que sentamos ou o quadro negro em que escrevemos. Pleonasmo, no mínimo, narrar o início de tudo – final do século passado, 1980 aproximadamente; contar sua extensa matéria acerca



do assunto publicado na antiga *Revista Nature*; insulto a se admitir que qualquer vivente conhece e aceita suas novas teorias e ideias revolucionárias dentro da ciência, biologia e fisiologia com naturalidade.

Quando àquela época o assunto ainda era uma teoria, ele injetara uma ideia absurda, abstrata, desmedida no conhecimento de então. Qualquer pessoa, achando-se no mais alto grau de suas capacidades mentais, poderia reclamar-desacreditar-ridicularizar suas descobertas sem, contudo, esmorecer aquele cientista obstinado na descoberta real do que em sua cabeça – atípicamente de cientista exclusivamente sua – estava claro. Demoraria mais uns vinte anos para tornar real uma ideia tão-somente abstrata. Isso serviu para muitas especulações inclusive no campo do esotérico e ocultismo: muitos afirmaram ser o Professor advindo de épocas futuras através de viagens no tempo a utilizar ferramentas ‘inda inexistentes. Tudo uma grande confusão. Sobretudo quando se compreende a dimensão e genialidade de uma figura humana sem limites que é Ambrose.

Eu trabalhei com ele.

Talvez muitos desconheçam (e aí sim eu posso me dar o luxo de manuscruver em meus registros) *nosso* artigo. Composto de trinta e duas páginas digitadas, outras mais manuscritas ao longo do processo de pesquisas e descobertas, fotocópias digitais dos principais passos de nossos estudos; o choque que causou na comunidade cientista do novo milênio. Saíra há dois meses – portanto ano passado, novembro de 2019 – na revista estadunidense *The Philosophal Greatest of Life*, sob o pretenso e nem um pouco modesto título “*Caminhos da evolução transformacionista – provas e fatos concludentes*”. Salutar o interesse pela descoberta nua e crua: isso só se consegue quando deixamos os ratos de lado e colocamos a única espécie capaz de responder cem por cento às expectativas e também estudos. O resultado de tal publicação, na mesma medida o espanto e estranhamento da sociedade aca-



dêmica cientista, frente a uma proposta como anossa – além do incômodo provocado ao setor farmacêutico; foi a formidável e a estrambótica ideia do Professor da utilização de *cobaias humanas*. Não havia, naquela cabeça privilegiada, outra coisa senão a certeza de tornar real os seus intentos. Não obstante, decerto, as dificuldades impostas tanto pelas leis quanto pela própria sociedade e suas crenças mesquinhas. Isso provocou, não somente na reunião entre os principais cientistas do mundo, estendendo-se igualmente às suas respectivas classes e instituições mundo afora, uma peremptória negação de tal absurda – por mim aceita em sua plenitude – ferramenta. O viés do artigo consiste na utilização de *Seres Humanos* contaminados co'a AIDS! Uma ideia, aliás, sadia sob o ponto de vista o do sofrimento tanto do paciente quanto de sua família. Criaríamos um cadastro nacional Brasil afora. Intuito de proporcionar peças para nossas demonstrações, dando recursos financeiros se pobres ou isenção fiscal se ricos; fugiríamos, assim, do campo da teoria; iríamos direto ao campo da prática concludente.

Professor Ambrose já esperava uma intervenção política. Isso já era certo. Por isso um “Plano B” em sua mesa de trabalho. Enquanto o pessoal discutia se era amoral ou imoral suas ideias, Ambrose lutava, devo dizer, colocava em prática seus estudos no subsolo da faculdade. Em verdade já fazia isso há pelo menos cinco anos, quando mentira para o reitor que seus trabalhos visavam a descoberta de uma célula invisível por detrás da formação do DNA. Tudo um grande engodo. Sob o pretexto de, antes mesmo de eu me juntar a ele, comprovar que seus desígnios e descobertas eram o supprassumo da ciência, o futuro dela, a que mais adiante viria ser aceita. Quebraria ele seus próprios recordes, suas próprias revoluções dentro da ciência com muito gosto. Quando disse acima que o dia de *hoje* é responsável pela maior descoberta que o Homem fez nos últimos duzentos anos, não menti. Do horror, idem. Em seu “laboratório do Dr. Par-



nassus” poder criar um novo *Golem* seria sua grande contribuição à humanidade. Sua genialidade nunca coube em seu corpo. Tampouco em sua existência enquanto humano. Talvez estivesse destinado a não mais pertencer à nossa espécie, a não mais ser *Humano*. A mim não cabe conjecturar, todavia.



Capítulo I

Desde quando aqui cheguei, ou seja, quando iniciei os trabalhos junto ao Professor Ambrose, nunca havia transposto aquelas portas de ferro. Eu cuidava para não externar minha curiosidade no tocante ao que ele guardava além delas; quando não me continha [poucas foram as vezes que não me contive], respondia-me que eu estava sumariamente impedido de atravessá-las sem antes seu consentimento; geralmente o assunto morria ali. Muitas foram as oportunidades em que eu tocava, alisava as portas tentando silenciosamente imaginar o que havia do outro lado – sempre sob um olhar atento-reprorador do Professor. Dali partia eu para outros afazeres, esquecendo ou fingindo esquecer meu interesse em seu conteúdo. Diferente, forçoso admitir, começou o dia de hoje. Nem bem havíamos chegado ao subsolo ele já abrira a porta com todo o cuidado que teria em outra situação que não sei comparar; comparação apenas numa realidade paralela, quem sabe. Antes, porém, de as portas serem abertas, vestimos uma roupa que ele mesmo inventara, tamanha sua inteligência e capacidade. Um misto de macacão bege com malhas mais resistentes, óculos transparentes e uma espécie de capacete; mais parecia um justo escafandro que se adaptava não facilmente à pele e a protegia, me parecia, de impactos mais fortes. Uma roupa especial para a também especial atividade que teríamos na sequência.

Assim que passamos pelas portas, ultrapassamos o umbral delas, o Professor em voz baixa conversara rapidamente comigo enquanto as trancava novamente. *Precisamos fazer muito silêncio. Exortou-me. Esta roupa, embora estranha, o protegerá de qualquer ataque que porventura venhamos a sofrer. Procure não falar nada a partir daqui; entraremos agora em um território que*



não é mais humano. Fique sempre próximo de mim. Caso tiver problemas, não grite. Faça gestos comedidos. Eu saberei o que fazer.

Aquele aposento não correspondera exatamente minhas expectativas. Eu imaginava um lugar mais sombrio – a luz lá dentro parecera-me mais escassa do que pelo lado de fora; um ambiente que escondesse criaturas vesanas, dementes sob a perspectiva ilusória de outros mundos e outras esferas desconhecidas. Não foi exatamente uma grande surpresa o que vi quando entrei. Silêncio sepulcral. Senão o que senti, cheiro abissal. Tudo bem que inalei um cheiro estranho logo quando as portas foram abertas; sequer imaginava que aquela primeira impressão seria reforçada quando penetrávamos em território desconhecido e não-humano. Apesar – ao menos foi minha impressão visual – da completa ausência de criaturas do meu imaginário, também da realidade humana que nos tocava, eu sabia, sentia que alguma coisa nos observava. Paciente. Vorazmente. Escondida ali sob a penumbra ou atrás de alguma pilastra. A questão era o silêncio. Isso preocupava também Ambrose.

Eu estava certo! Seu comentário carregava consigo incertezas. Suas teorias estavam corretas; naquele momento somente ele as constataria. A parte das incertezas era justamente o silêncio daquele lugar. Como *elas* sabiam? Como sabiam que iríamos penetrar naquele aposento? Sempre desconfiei que o Professor *as* vigiava constantemente, em seu monitor, quando eu estava distante – nunca passou pela minha cabeça que tais criaturas silenciosas poderiam *aprender!* Se fizéssemos uma comparação, quantos anos elasteriam em relação a um adulto? Difícil responder. Sobretudo depois de conhecê-las, reconhecer o potencial de *transformação humana* chegar a este estágio uma vez desenvolvido a técnica de forma apressada.

Dava para escutar somente nossa respiração, pesada. Estávamos intranquilos; por certo, eu mais do que o Professor. Meu



coração, provavelmente, se escutado com mais atenção, gritava dentro do peito. Precisei controlar minha agitação. Eu a controlava inadvertidamente sem a habilidade de fazê-la. *Sim. Estava claro antes, agora mais ainda. É a transformação a responsável pela evolução humana. Veja isso!* Perdido em minha ansiedade e apreensão escutei o Professor falar novamente. *O cheiro é característico; eu já esperava. Tem que estar aqui. Por isso o Homem demorou trilhões de anos para desenvolver-se. Do contrário, a evolução de nossa espécie se tornaria um grande emaranhado de genes. Nos transformaríamos nisso!* Deparamo-nos com uma delas escondida sob um manto de escuridão proporcionado por uma reentrância na parede, acorada, observando-nos. Aos poucos a respiração *dela* foi acelerando; onde antes havia o silêncio, agora era escutado um gemido muito fraco, em tom crescente. Tentei imaginar o que se passava na mente de Ambrose. Olhava para ele, na tentativa de observar qual seria sua atitude frente a frente com a prova de sua teoria viva – ou aparentemente viva; olhava também para *ela*, tentando da mesma forma imaginar qual reação tal criatura teria diante de nós, seus criadores ignotos. Professor Ambrose permanecia quieto, imóvel pelo menos sob o meu ponto de vista, à minha frente, um pouco à esquerda. A criatura, diante de nós e também imóvel, permanecia acorada naquela reentrância, quase não se percebia o leve movimentar dos glóbulos oculares outrora humanos. Talvez com medo. Talvez à espera de um leve movimentar de qualquer um de nós dois, tanto ou quanto intrusos, a despeito de sermos seus *pais*; daqueles que a espreitavam.

Estudávamos (Professor mais do que eu) aquela cena, quando ouvimos um gemido agressivo no lado oposto ao da criatura que observávamos. Giramos pelos calcanhares; fomos surpreendidos por outra criatura que, idêntica à primeira, nos atacara desprevenidos pulando em nossa direção. Um pouco mais robusta que a primeira – embora não pudéssemos tirar



conclusões antecipadas daquela acorçada porque estava metida nas reentrâncias da parede, também banhada pelas sombras – tentara nos apunhalar com suas garras onde antes havia mãos, com mordidas de sua denteição afiada. A roupa nos protegeu, pude confirmar. Não lutamos exatamente. Ambas as criaturas estavam com medo. Esse foi um fator de nossa sorte – ou o Professor esperava também o medo delas? De toda forma, a criatura atacante pulou logo em seguida ao lado da primeira (foi quando entendi tratar-se de macho e fêmea, sendo o macho o atacante e a fêmea a protegida) como se quisesse nos dizer para dar o pira dali o mais rápido possível; que aquele lugar não era nosso. Era, por direito, *Deles!*

Vagarosamente saímos; quando por fim o Professor fechava as portas, pude ver mais rostos que não eram rostos enfileirarem-se donde antes nós estávamos; cada uma delas observando não o Professor, mas a mim. Deduzi que haviam marcado minha face; não me assustei. De Ambrose eu esperava muita coisa, não o que ele conversou comigo depois de retirarmos nossos estranhos escafandros – por sorte não havíamos sido vítimas de um ataque fulminante, do contrário não teríamos como nem onde nos fumigar. Sentou-se ele à sua mesa; eu o acompanhei com um café amargo.

- Agora você sabe o âmbito de minhas pesquisas, Plínio. Agora você entende o quão perigoso é estudar a *vida*. Quando, lá pelos idos dos anos oitenta do século passado, eu apresentei aquele meu material, de certa forma os opositores estavam certos. Pelo menos numa medida de conforto. Diante de tal e qual profundidade que até então não lhes fora apresentada. É preferível, e os estudos lhe comprovaram, permanecer com a certeza de uma evolução como queria Darwin do que uma teoria que nos faça sair desta zona de conforto e ver quão frágil é nossa condição; a dúvida da origem do que a certeza de um evento horrendo. Carregamos em nosso DNA, Plínio. Está dentro da gente.



Colocarmos numa incubadora o Homem e ver, a partir de certos testes e pesquisas, o quão transformado ele sai. Eu comprovei, Plínio. Teve, admito, importância todos aqueles anos, incontáveis, pelos quais o Ser Humano atravessou. Foram eles, mais precisamente o *tempo*, a condição de uma evolução, mantendo o que Darwin propôs. Vagarosa. Intermitente. Você entende aonde quero chegar?

- Que a evolução humana foi através da transformação que ele veio sofrendo com o tempo? – perguntei arguindo – Bem. Acho que está mais do que explicado depois desta nossa experiência.

- Concordo – respondeu Ambrose – Estou convicto que fomos os responsáveis por mais este passo dado pela humanidade.

- Não acho que eu tenha verdadeiramente te auxiliado.

- Você é quem pensa – disse-me – Você sabe qual é a sua importância nesta pesquisa? É difícil imaginar?

- Estou surpreso que o senhor venha a dar créditos a mim. Ambrose Vargas é o único responsável por esta descoberta.

- Errado. Tua importância foi assaz ao meu objetivo. Você descobriu o que eu não fui capaz de descobrir; somente você poderia tê-lo feito. Nem bem iniciou suas atividades e me entregou a chave que eu procurava há muito. Desde quando fiz aquele artigo nos anos oitenta eu nutria uma dúvida que me consumia um pouco cada vez que eu deitava a cabeça no travesseiro. Precisou uma cabeça jovem, uma mente mais aberta e nem tão viciada para encontrar o que nunca encontrei. Por isso o teu nome aparece ao lado do meu.

- Sim – ponderei – A equação. Mas há quanto tempo você o mantém cativos?

- Pelo menos cinco anos.

- Assim que o senhor fechou as portas eu vi mais deles. Observando-me.



- Eles não terão como fugir. Já esperava uma reação assim, de defesa. Se puder recordar, aquela que estava dentro da parede era a fêmea; o macho, por sua vez, foi quem pulou sobre nós.

- E os outros? – perguntei sem permitir que o Professor perdesse a linha de raciocínio.

- Acho que aqueles dois eram parceiros quando *humanos*. O resto são pessoas aleatórias, escondidas.

- Clandestino.

- E ilegal, eu sei. Não houve outra forma de fazer os testes. Pense que apenas antecipei pesquisas uma vez aprovado a utilização de cobaias humanas.

- Todos contaminados pela AIDS?

- Todos.

- E o vírus?

- Morto.

- E eles?

- Isso é uma coisa que ainda vamos descobrir.



Capítulo II

Pedi licença ao Professor, prometendo que com ninguém nada falaria de nossa experiência, para subir e respirar ar puro. Deixei-o sozinho com seus pensamentos; parti com os meus, contraditórios. Pelos corredores da instituição passei por diversas pessoas: alunos e professores em sua busca diária pelo aprender e o ensinar. Tentei fazer uma comparação entre eles e o que eu acabara de ver no subsolo. Foi-me impossível conceber a ideia de haver alguma semelhança, mínima que fosse, entre pessoas e *aberrações* da natureza. Impossível também me foi compreender que havia ali algum propósito em meio a tanta confusão ordenada. Acho até que deixei de acreditar ter alguma vez entendido a humanidade, o caminho por ela percorrido, uma vez olhado o “outro” lado da evolução humana, o lado mais célere dela. Dali para diante a vida passou a ter outro valor; eu passei a olhar outrem com outros olhos – não sei se mais benevolentes.

Olhei para o céu azul. Dele, acho, eu queria respostas. Tentei olhar para dentro de mim mesmo, de repente ela estava lá, intocada, esperando para ser a florada, acariciada, amada; descobri, por mais que eu tenha sido a chave para o Professor na equação, que eu não era a minha chave. Assaltou-me um pensamento, o de que a “chave”, a solução, o complemento para nosso ser não estava conosco. Então isso só podia significar que carregávamos a decifração de nossos semelhantes. Por isso a dualidade homem-mulher, aluno-professor, etc. Não me senti a melhor pessoa do mundo por constatar isso. As criaturas no subsolo: o que toca sua existência? Será que a própria *transformação*, como descobrira Professor Ambrose, e o próprio tempo, descortinou o que deveria continuar oculto? Em outras palavras: deixamos de ser pares complementares? Única resposta que se pode dar é a



de que a descoberta estava diante de nosso nariz; no entanto somente a genialidade do Professor foi capaz de captar. Pensamentos conflitantes inseriram em mim uma dor de cabeça que começou vagarosamente até alojar-se por algum tempo; não muito, porém. Ao menos até quando minha atenção foi requisitada pelo Professor Reitor Varlo Vaz Moraes. Achevou-se até mim; tocou de leve meu ombro.

- Pensando? – constatou.

- Muito.

- No quê? – interessou-se.

- Na *vida* – não menti – Em *nós* – continuei não mentindo.

- Alguma conclusão?

- Não.

- São limites insondáveis. Se o azul claro do céu pode mudar com a aproximação da noite, o mesmo pode acontecer conosco quando queremos chegar próximo de uma conclusão – falou-me a filosofar.

- Tem razão – disse-lhe segurando-me para não dizer: *Professor Ambrose ultrapassou estes limites insondáveis!*

- Veio para respirar um ar – constatou de novo – Tem uma brisa gostosa, mesmo. Ela refresca. Aceite minha dica: respire até o final e segura o ar por alguns segundos. Oxigena o cérebro – pôs-se a olhar o céu azul também – E o Professor, não veio contigo? – falou sem me olhar.

- Preferiu ficar junto de suas pesquisas.

- Vai parecer idiota o que vou falar, mas você deu sorte. Ele nos proibiu de entrar no subsolo. Não nos quer em seu laboratório de pesquisas nem morto.

- Ah, é? – *mas eu sei o motivo*, pensei comigo mesmo.

- Mas tenho que confessar que depois do último artigo publicado fiquei preocupado.

- Por quê?

- Sabemos do potencial e da genialidade de Ambrose, isso



não é novidade. Não depois do que ele fez e do que vem fazendo, contribuindo para a ciência o que a própria ciência não contribuiu. Os anos oitenta foram memoráveis, fique sabendo. Aquele artigo que o Professor publicou fez todos os pesquisadores e toda a comunidade científica levantar dos assentos em que estavam acomodados. Memorável.

- Da história eu sei

- Mas será que estamos preparados para causar este novo fulgor na ciência?

- Por que não estaríamos, Reitor?

- Penso que atçar novamente a comunidade científica é insalubre, isso causaria mais desgostos do que êxitos.

- E deixá-la neste novo marasmo?

- Eu sei que você assina junto com o Professor estes artigos e não vou negar que você teve sua parcela de importância nestas descobertas. Não negarei também que estas descobertas têm um quê importante que só contribui para nosso conhecimento. Professor Ambrose tem experiência, meu caro. Mas está ficando velho. Não seria melhor deixar para o futuro? Não estaria agora Ambrose brincando de ser Darwin?

- Você questiona sua importância agora estando ele mais velho do que antes? – inquiri-o com eloquência.

- Longe de mim falar uma bobagem destas. Só acho que podemos parar com isso. Ainda é tempo. Ademais, de uma forma ou de outra, Ambrose já entrou para a história. Para que entrar nela uma segunda vez?

- Não considero seu trabalho importante para a história, Reitor. Mas para o Ser Humano – respondi-lhe explicando meu ponto de vista – Se Professor parar agora suas pesquisas, o futuro vai demorar a chegar. Quiçá outros duzentos anos. Sem falar que um gênio como este não pode cessar suas descobertas no campo científico-biológico. Garanto-lhe que há muito a ser feito por parte de Ambrose. E que de sua mente muitas descobertas ainda



serão descortinadas, levadas a público.

- Posso pedir um favor? Diga-lhe quando descer que quero ter uma conversa com ele. Não há pressa. Mas é uma ordem.

Fui deixado sozinho novamente com meus pensamentos contraditórios. Teria advogado a favor de Professor Ambrose sem medir consequências do que eu falava? Ou o que eu acreditava era verdadeiro: Professor como o descobridor de evidências antigas, contudo veladas? Vi abrindo-se diante de mim um infinito mar de possibilidades. E por ele eu queria navegar. Nem que ali adiante eu soçobrasse. Navegando em meus próprios pensamentos permaneci sozinho lá fora por um bom tempo. O mar de dúvidas e contradições demonstrava-se por demais revoltoso. Queria navegar.



Capítulo III

Meio-dia, ou quase

1

Volvi ao subsolo. Recusava a acreditar que éramos loucos em terras de sãos – como, de uma forma subtil e afetuosa, Reitor quis insinuar. Entrei no laboratório; fechei a porta com as cópias das chaves que havia feito – somente nós dois as tínhamos. Quando entrei no laboratório do Professor Ambrose, vi-o sentado à sua mesa, sem sequer se mover. Aquele era um homem de requintados modos, quando queria sabia fazer silêncio e também completa reflexão, enigmático. Como então. Acostumado a seus profundos mergulhos em si mesmo nem me dei ao trabalho de manifestar minha presença. Fui direto à minha mesa, na cadeira sentei. Liguei o monitor; passei a inspecionar os dados que havíamos atualizado no sistema. Para mim, provavelmente menos do que para Professor, tudo estava bastante claro. Sem dúvida quem levaria a lume quaisquer detalhes que porventura proviesse de sua experiência ilegal e oculta seria o próprio Professor; eu entraria como suporte para eventuais explicações que estariam sob minha alçada.

- Estive pensando – disse, acordando de seu transe reflexivo, permanecendo imóvel – Até que ponto esta descoberta seria considerada uma descoberta, e não uma ameaça?

- Se analisarmos sob o ponto de vista do âmbito científico, só contribuiria – respondi-lhe lendo alguns dados que se apresentavam na tela do monitor.

- E quando esta análise poderá ultrapassar a barreira do âmbito científico, chegando ao lado do social?

- Não vejo problemas, Professor.

- Nenhum? – perguntou-me, desta vez a olhar-me fixa-



mente.

- Nenhum – dei de ombros.

- Eu achei que tinha – confidenciou-me.

- Professor, já é quase meio-dia. Fiquei bastante tempo lá fora. Está com fome?

- Não.

- Vamos almoçar? Ou quer que eu traga?

Nem bem perguntei, ele se levantou rapidamente. Desliguei meu monitor; saímos de seu laboratório em direção ao restaurante que ficava fora de nosso prédio. Percorremos quatro quadras sob um céu azul e límpido, vento refrescante, a fome batendo. Pelo menos eu estava com fome.

O campus era um lugar magnífico; fazia jus à alcunha “Campus Arboreto”. Tenho certeza que era um lugar onde muitos faziam questão de passear, inclusive os familiares de estudantes da instituição; continuaria sendo não fossem os eventos que se sucederam. Eu gostava de observar as árvores frondosas, a imponência da vegetação; a limpeza daquele lugar; marca registrada FBFUNCRUZ. Aquele lugar limpava minhas impurezas.

Abanquei-me à nossa chegada numa mesa, seguido por Ambrose. Sentamo-nos um de frente ao outro. Esperamos sermos atendidos; só conversamos quando eu havia recebido meu pedido.

- Pediu só água, Professor? – perguntei-lhe intrigado.

- Não estou com fome, como disse lá no laboratório – sorriu-me.

- Professor – voltei a perguntar enquanto eu comia meu almoço; ele bebericava sua água – Terrível dúvida me assola. Se são seres vivos, precisam se alimentar.

- São movidos por *raiva*. Famintos, idem.

- Aquelas... – titubeei; aproximei-me dele o suficiente, erguendo-me por cima de meu prato, de maneira a falar sem ser escutado pelas outras pessoas – Aquelas *criaturas*. Afinal, se ali-



mentam do quê?

- Se analisarmos o comportamento humano, Plínio, veremos um ser andante, detentor de suas posses intelectuais e capacidades mentais a ponto de discernir que precisa ir a um supermercado ou hipermercado e fazer compras para abastecer sua despensa. Sentimos fome e procuramos comida em locais que, através da permuta financeira, você sabe. *Elas* não conseguem e nem podem sair por aí, andantes, em direção a supermercados, como nós. Quero dizer. Necessitam de mim para serem alimentadas.

- E qual é o cardápio servido, Professor?

- Pense você que não é muito diferente dos alimentos que nós comemos, Plínio. Eu percebi que você também pegou um pedaço. Vez ou outra eu dou galinhas. *Vivas*.

Arrependi-me tê-lo questionado. Senti um embrulho no estômago imediatamente. Só por simplesmente ter imaginado uma ágape entre criaturas antinaturais; vê-las, então, comendo! Negativo. Afastei o prato; pedi para o atendente tirar imediatamente a comida de minha frente, do contrário vomitaria. Ambrose ria-se como nunca antes eu o tinha visto rir. Foi uma cena vergonhosa; chamou a atenção de muitas pessoas, coisa que eu não queria; engraçada para Professor. Pelo menos consegui esquivar-me de olhares oblíquos mentindo ao afirmar que já estava mal antes de chegar ao refeitório. Desculpa tola.

- Foi você quem perguntou – justificou-se Ambrose rindo-se menos.

- Mas não precisava ser tão direto, Professor – disse-lhe mais recuperado do impacto inicial.

- Mas o que posso fazer se só falei a verdade, Plínio?



Depois disso saímos de volta ao laboratório. Eu ainda sentia o embrulho no estômago, por isso evitei qualquer conversa com o Professor durante o caminho; permaneci em silêncio até chegarmos ao subsolo do prédio sem sequer ter tocado no assunto comida. Repugnou-me deveras a imaginação e a visada que construí em minha mente de aquelas criaturas jogando-se voraz e inumanamente por sobre os frangos ainda vivos, desmembrando-os com unhas, dedos, dentes malcheirosos, em movimentos primitivos de sobrevivência, horrível assuada, uma bizarra imagem dantesca. Imaginação voou longe. Provavelmente perto o bastante da realidade oculta.

Ao nosso retorno às atividades, percebi que Professor Ambrose estava meio estranho. Diferente daquele Professor que rira enquanto eu fazia escândalo em meio ao refeitório, o Professor que atravessara comigo as portas e que fora direto à sua mesa tinha um aspecto sisudo na face, parecia exalar preocupação. Certo de que teríamos trabalho pela frente, deixei o assunto de lado, tranquei a porta; direcionei-me à minha mesa. Ali, ligado o monitor, passei a inspecionar novamente os dados, corrigindo o que porventura deveria ser corrigido, ratificando o que deveria ser ratificado; serviço que muito me orgulhava. Silêncio fizera-se entre nós.

- Alguma coisa diferente no sistema? – perguntou, quebrando o silêncio. Sua voz tinha um quê idêntico à sua face que eu não sabia identificar.

- As correções normais, Professor – respondi-lhe sem tirar os olhos da tela, atento à sua maneira de falar.

- Nenhuma alteração de grande significância?

- Nenhuma.

- Ótimo. Quando você saiu sozinho, o que aconteceu lá fora?

- Pessoas – foi minha resposta. Não havia entendido direito sua pergunta.



- Nosso trabalho está causando muita inveja no pessoal do campus, Plínio – disse-me. Pareceu-me sarcástico por usar o termo “inveja”; sabia que falava a verdade. Também já havia sentido isso do pessoal.

- Uma delas foi o Reitor.

- Já imagino o que ele quer de mim.

- Pois falou para você ir até sua sala. Garantiu que não tem pressa, mas quer falar contigo.

- Eu sei o que ele quer de mim, então. Mas vai ficar esperando – falou. Desviei meus olhos da tela do monitor por alguns instantes, olhei para seu rosto. Surpreendi-me com sua face avermelhada, com o tom de sua fala. Mudara repentinamente; certamente não era o cansaço.

- Algum problema, Professor?

- Há muito eu não havia dado uma risada como eu dei contigo lá no refeitório, Plínio – disse-me bastante sério.

- Seu rosto. Está vermelho.

- Chama-se *efeito colateral*. O tempo passa rápido.

- Professor, precisa de ajuda? – perguntei preocupado.

- Não. Como está o estômago?

- Um pouco melhor.

- Coloque a roupa.

Levantou-se; foi se vestir. Colocara novamente aquele estranho escafandro, esperou por mim. Levantei-me de minha cadeira e fiz o mesmo. Abriu a porta quando terminei de colocar a vestimenta ádvena, passados alguns minutos contados mentalmente. Vagarosamente trespassamos aqueles umbrais do desconhecido, conhecido apenas por nós dois, à espera que alguma criatura se manifestasse. Questionei-me qual era a intenção de Professor ter outra vez entrado naquele covil infestado pelas crias de suas pesquisas, sentindo o estômago ainda pesado. *Quero contar em quantos eles estão*. Falou-me em voz baixa, pedindo silêncio. Não sei se adivinhou meus pensamentos ou deu um



porquê qualquer para justificar a nova entrada.

Deparamo-nos com a mesma cria escondida naquela reentrância na parede. Assustada. Isso, concluímos, era um estágio. Ela sequer havia se movimentado, ficara parada esperando nosso retorno. Já estávamos preparados acaso seu parceiro nos atacasse por trás. Com aquelas criaturas não lutávamos com armas, eu percebi; mas com muita cautela. Não à-toa olhávamos vez ou outra para os lados atentos a qualquer movimento. Aquele estágio representava uma certa apatia por parte daqueles seres não-humanos; apresentou-se-nos outro dado novo: *elas* ainda não eram capazes de identificar, avaliar seu derredor, os perigos que estariam escondidos sob o manto da *luz*. Esta foi outra conclusão a que chegamos. Elas a odiavam. Por isso a *escuridão*.

Professor Ambrose acendera uma lanterna pequena que sequer vi tê-la pego de sua mesa. Segurava-a firme na destra, escondendo-a. O faixo de luz não era muito espesso, mas o suficiente para iluminar de um lado ao outro daquele cômodo em linha reta. Passamos a escutar um crescente gemido que vinha de todos os lados, em uníssono. Qualquer coisa que passasse à sua frente seria iluminada; isso por certo não era o que aquelas criaturas queriam. Percebi, em pouco tempo, que elas ficaram aos poucos agitadas. Intrigadas. A *Luz*. O *Medo*. Então reparei que nos encontrávamos diante de *criaturas noturnas* – ou seja: hábitos noturnos. Isso explicava muita coisa acerca delas.

Decidi quebrar o silêncio que ele mesmo provocara quando lá entramos. Uma vez que eu nunca o vi alimentá-las, deduzi que ele assim fazia quando estava sozinho, longe de mim. Não resisti à pergunta.

- Professor. Quando você as alimenta?

Ao que ele me respondeu em tom apreensivo.

- De madrugada!



3

Saíamos do cômodo. Professor fechou as portas. Mais uma vez aquelas *peessoas*, reagrupadas nas posições dantes, me observavam enquanto as portas eram fechadas. Olhares ameaçadores. Desta vez seus olhos não estavam carregados de medo. Mas de *ódio*. A imagem daqueles olhos raivosos jamais sairá de minha cabeça. A postura daquelas criaturas, idem. Foi o primeiro momento em que temi por um mal maior. Por um erro nosso.

Quando havíamos anotado todas as informações pertinentes em nosso sistema, inquiri-o. Minha intenção era saber quantas mais e quais eram suas dúvidas. Já fazia uma ideia do que ele queria. Estrutura celular. Desenvolvimento de DNA. Particularidades de uma nova espécie que surgia a cada instante diante de nossos estupefatos olhos. E que não tardaria à sua desforra.

- E então, Professor?

- Plínio – começou, coçando os olhos – Na faculdade você estudou sobre a descoberta da estrutura do DNA; a confusão que se tornou por conta de uma foto, apenas. Você sabe o que é isso que descobrimos? A importância disso?

- O senhor sabe que se for descoberto irá para a cadeia, Professor.

- Sim, eu sei. Mas sei também que acabo de revolucionar toda a ciência. No momento que esta *teoria transformacionista* deixar de ser teórica, apenas um artigo científico na *The Philosophical Greatest of Life*, o próprio desenvolvimento tecnológico avançará junto da ciência. Trespasaremos este limite com grande facilidade. O próprio homem fará o resto. Falo da evolução psíquica também.

- O senhor acha que o Homem está preparado para este avanço, Professor? Não só a comunidade científica a que fazemos parte, senhor.

- Se não estiver, avançará à força.



Capítulo IV

4 horas da tarde, aproximadamente

1

Professor Ambrose andou de um lado ao outro do laboratório. Sua vermelhidão no rosto – em momentos distintos parecia atenuada; em outros, acentuada – piorara. Eu sabia que tinha mais coisas que ele não me havia dito. Já estava começando a ficar preocupado. Nunca, desde o primeiro dia em que com ele comecei a trabalhar, o vi daquela maneira; fora primeira vez que presenciei Professor agindo daquela forma. Não era a preocupação da polêmica que o assunto de nosso artigo levantou. Não era ou pelo menos não parecia ser problemas pessoais. Talvez passássemos pelo melhor momento de nossas carreiras – o meu com absoluta certeza. Havia algo por trás daquela atitude repentina, todavia. Professor falara em *efeito colateral*, no tempo que passa rápido, coisas que um homem de sua idade só falaria se algo de muito ruim – com ele – estivesse acontecendo; algo de muito ruim e que não poderia, talvez por enquanto, dividir comigo.

Revisei alguns dados. Reparei o quão próximo da solução estávamos, quão distante dela também – enquanto aquilo não passava de dados, sob o olhar acadêmico-científico não físico, ficaríamos ali sentados diante dos monitores ajustando manualmente qualquer fragmento da formulação que estivesse saído do padrão proposto por Professor. Pareceram-me de repente os passos que até então déramos tão afastados; passos a nos levar a outras comarcas distantes daquele laboratório e de nós mesmos; distância insondável que passava a impressão de que tudo aquilo não fora mais que um sonho, outra realidade intocável. A sensação de não ser dono sequer de meus propósitos e objetivos



deixou-me deveras atordoado. Eu estava sendo afetado pela incongruência da genialidade do Professor.

Mais adiante, com a cabeça explodindo (as informações me haviam pego de surpresa depois da primeira vez que entrei naquela alcova) de tanta excitação, falei para Ambrose me dispensar por mais algumas horas. Não aguentaria ficar lá dentro, respirando aquele ar viciado, a imaginar inalar aquele ar bafio de dentro da recâmara, sem enlouquecer. Meu limite já se havia transposto.

Se até então (até ontem melhor dizendo), aquele serviço era minha felicidade e o que movia minha vida e o meu interesse, tornou-se hoje um fardo pesado demais para carregar. Profunda e excêntrica fora a maneira pela qual Professor se dedicava à pesquisa – certamente o que movia sua vida. Eu não havia entendido: aquele era seu alimento. Alimentava-se daquilo tanto quanto suas crias com frangos vivos durante madrugadas ádvenas, agitadas. Por isso de ter bebido apenas água. Unir as pontas soltas e afirmar que a medida extrema – o tal “Plano B” – era seu mais profundo desejo o de entender no âmago as *transformações*. Inevitável, uma vez as dificuldades enfrentadas. Ou sacrifício. Prefiro acreditar que tenha sido um. Sacrifício em prol de suas ideias e inspirações. Sacrifício para não deixar fenecer toda sua contribuição para a ciência, nem que ele deixasse de existir e transpusesse o véu que nos separa da outra margem; não um suicídio simplesmente. Não um suicídio.

Saí do laboratório; fechei as portas. Deixei-o trancado lá dentro enquanto eu subia as escadas e me direcionava ao corredor. Fingi que estava tudo bem. Passei por alguns professores que me cumprimentavam sem sequer imaginar que naquele prédio havia convidados indesejados. Uma criação deles. Professora Débora percebeu minha aproximação, esperou por mim antes de entrar em sala de aula. Abraçou-me afetuosamente, preocupada. Disse-me que não concordava com o que o Professor fa-



zia comigo, a deixar-me trancafiado no subsolo vendo apenas números. Como tive vontade de carregá-la para fora do prédio, contar tudo o que eu sabia. Não podia, porém. *Está tudo bem.* Respondi. *Não se preocupe comigo.* Inevitável preocupação; sabia que ela nutria um sentimento especial por mim. Desviei do assunto, pedi que ela entrasse; estava atrasada para a aula. Recebi um beijo na testa; esperei que ela trancasse a porta. Segui até a saída do prédio pensando que havia – chances de cinquenta por cento – a possibilidade de aquela experiência sair do controle. Números. De novo números.

- Eu sei o que o está preocupando – disse-me o reitor, pegando-me desprevenido, me assustando – Diga. É o Professor, não é?

- De certa forma – respondi anuindo – Já passou pela sua cabeça a ideia de uma infecção generalizada ao estilo gripe espanhola? Só que de uma forma um pouco diferente. Que ao invés de debilitar a pessoa, *a transforma?*

- Explique-se, professor. Aonde quer chegar com estas perguntas?

2

Sem saber como me expressar, usei de todos os subterfúgios para dizer apenas uma coisa: *cultivamos seres humanos transformados.* Nem passou pela minha cabeça os preceitos religiosos, as leis que impediam a utilização de cobaias humanas; abordei somente o cerne da questão que era ciência. No período de apenas um dia tudo se inverteu. É o *segredo* o culpado pelas *transformações*, embora não seja ele quem as mova. Quando professor me contou o seu também fui transformado. Ao se revelar um segredo tudo muda. Ter mantido em secreto as experiências em humanos manteve-me esperançoso quanto ao resultado de nossas pesquisas em conjunto; a saúde de muitos, idem; o sim-



ples fato de revelar causou um efeito tão grande que desmoronou toda minha convicção de que a ciência nos guardava eficientes respostas para nossas indagações mais antigas. De heroína a vilã numa simples visada do que ela é capaz. De qualquer forma Professor tinha razão, transtornado ou não, enlouquecido ou são. Foi além de seu limite, que já era maior do que o de muitos cientistas, sabendo muito bem que de lá não voltaria.

- O senhor leu todo nosso artigo, Reitor? – perguntei em resposta.

- Praticamente todo.

- Então deve ter percebido que há nele mais do que o próprio artigo quer falar.

- Pois diga o que eu não captei, Plínio.

- A *vida*, Reitor. Tanto a nossa quanto a de qualquer outro animal ou vegetal. Não nos foi concebida de *presente*, Varlo.

- Você tem noção do que está falando, Plínio? A vida inteira, durante todos os séculos, acreditamos que tudo isso à nossa roda nos foi dado como presente. Como afirmar o contrário, Plínio? Com que base?

- A base é a *ciência*, Reitor. A base é a *ciência*.

- Mas a *ciência* está aí há tanto tempo, não só nos últimos duzentos anos, Plínio. Ela é mais antiga do que todos nós juntos.

- Eu sei, Varlo. Mas ela esteve *errada* por muito tempo. Nós a interpretamos errado até *hoje!*

3

De qualquer forma não poderia deixá-lo na mão. Professor, com todas as suas qualidades e excentricidades, me acolhera, não era agora que iria desistir dele. Pensei bem acerca de nosso propósito; mesmo começando a achar um pouco além de nossas capacidades – além da minha capacidade com certeza – resolvi dar continuidade às pesquisas. Resolvi dar cada passo por vez.



Não imaginar o que deveria fazer dali para diante: tarefa de Am-brose, não minha.

Depois da conversa que tive com o reitor fui caminhar pelo campus. Árvores, verde, ar puro. Já disse isso, não é? Esqueço agora muitas coisas que ocorreram no passado, coisas que ocorreram ainda ontem, que jamais teriam saído de minha mente. Caminhei sempre com os pensamentos em minha tarefa que eu 'inda não havia cumprido – jamais cumpriria, como viria comprovar algumas horas no futuro. Observei as plantas; os pássaros; até cheguei a acaçar-me de modo a olhar melhor, mais de perto um formigueiro – a vida que as formigas levavam, a maneira como elas laboravam sem se importar com a ciência. Foi um exame demorado, conclusivo. Eu encontrara, então, o que parecia outra resposta: aleatoriedade. Este foi um dos motivos de ter retornado ao laboratório. Precisava falar sobre isso com Professor.



Capítulo V

7 horas da noite

Volvi ao subsolo quando a noite se avizinhava. O arrebol recém-aparecido no céu, a escuridão logo tomaria seu lugar. Abri as portas; vi Professor escorado na parede, acorado. Paralisei ao vê-lo daquele jeito. Por alguns instantes tentei entender o porquê dele ter se escorado na parede, surpreendido a olhar sua face animalesca.

Corri à sua direção. Quando dele me aproximei vi que alguns pelos de sua barba e até alguns fios de seus cabelos haviam caído, amontoados no chão à sua frente. Ele deveria me dar explicações. Eu não havia desistido dele, não obstante meu limite já ter sido ultrapassado há muito. Ele não deveria desistir de mim.

Ergui-o do chão. Segurei-o pelos ombros, pedi explicações. Por mais que ele não quisesse falar, eu o forcei a dizer. Auxiliei-o a sentar-se na cadeira mais próxima para que recuperasse as forças, pelo menos o suficiente para falar. Disse-lhe que iria chamar o reitor e outros professores para ajudá-lo; com um gesto me proibiu de falar acerca de seus experimentos. Proibiu-me de falar acerca de sua saúde, inclusive. Queria que eu não sáísse daquele laboratório. Queria que eu presenciasse seu ato heroico, de uma vez por todas deixar claro que não havia enlouquecido como pressupôs Reitor e outros colegas da instituição.

Na tentativa de mantê-lo desperto caso sentisse muitas dores, deixá-lo menos fatigado, fazê-lo pensar em outras coisas que não a dor que sentia, inquiri-o sobre a aleatoriedade das coisas. Disse-lhe que observei um formigueiro, assim cheguei a esta conclusão. Com bastante dificuldade, respondeu-me que a aleatoriedade não se adequara à *transformação* a qual o Ser Hu-



mano fora submetido; que o *tempo* não respeitava nem a si mesmo; que as ocorrências pertencem a um ciclo que foge de nossa compreensão. Aleatoriedade era um quesito menor. Ainda assim presente.

Levantou-se. Parecia-me mais recuperado, menos dorido. Por mais que sua voz ainda estivesse trêmula, disse que teria de fazer algo. A passos lentos e cambaleante foi-se sozinho até seu monitor; digitou a senha que desliga as luzes. Como vi que nenhuma do laboratório havia sido desligada, deduzi que ele havia desligado as luzes de dentro da recâmara. Naquele instante qualquer coisa em minha cabeça virou certeza. Olhando para mim, vendo a interrogação em meus olhos, pôs-se a falar.

- Agora é a hora, Plínio. Agora é a hora.

- Mas Professor... – repliquei a titubear.

- Lá dentro – apontou com mãos trêmulas – está a revolução da ciência, Professor Plínio. Foi preciso chegar a este estágio – tossiu – Foi preciso torná-los cobaias. Só assim nos seria permitido entender os passos dados pelo Homem – tossiu novamente, desta vez mais forte – E será preciso que eu vá – respirou fundo como se lhe faltasse ar – Entenda Plínio. Entenda quão importante é esta nossa descoberta – tossiu uma terceira vez – Entenda! – gritou o máximo que pode. Colocou a destra no peito; sentia dores enormes; decerto efeito da *transformação*.

- Professor. O melhor o que temos de fazer... – tentei acalmá-lo.

- Basta, Plínio! – interrompeu-me agressivo – Basta de interrupções! Eu não aguento mais... – não entendi se não aguentava mais as interrupções que vinham sofrendo suas pesquisas ou as dores que sentia, no peito as piores.

- Tem alguma coisa que eu possa fazer por ti, Professor?

- Tem.

Como antes, claudicante, dirigiu-se ao cabide donde guardara os escafandros; erguera com certa dificuldade os braços; pe-



gou um deles. Eu o observei trazê-lo até mim com dificuldades. Professor gemia a cada passo que dava; por certo lhe era difícil caminhar. Caminhar e carregar, ademais.

- Sim, Plínio – falou-me chegando-se a mim – Tem algo que você pode fazer por mim. Coloque isto – exortou-me, olhos semiabertos.

Sem uma palavra a mais, obedecendo-o, pus-me a vestir aquela roupa que me protegeria para algo que eu não imaginava o quê. Professor a me observar com um olhar paternal e ao mesmo tempo maníaco. Estava ansioso. Eu sentia isso.

- Plínio – aproximou-se mais – Escute o que vou falar – segurou fortemente minha cabeça coberta pela estranha roupa justa à pele – Custe o que custar. Você *continuará* vivo. Faça o que eu ordenar.

Ao que ele me confidenciou que estava para fazer sua mais dolorida pesquisa: *serviria ele mesmo de alimento às suas crias!* Fraco estando eu, fez-me prometer que o deixaria ir. Que o permitiria concluir sua mais profunda e física teoria. Que a Humanidade necessitava daquilo para não haver mais dúvidas quanto à *transformação humana* – e não evolução como queria Darwin. Não somente para ficar na história. Mas para a História Humana como o cientista que deu a vida pela ciência. Tarefa qual seria efetuada sem se vestir em seu escafandro particular.

- Plínio. Conto contigo – disse-me a destrancar as portas que nos separavam das *criaturas noturnas* – Eu sabia que a proposta não seria aceita. Cobaias humanas nunca foi um assunto bem-quisto. O vírus da AIDS não serviu para convencer as autoridades nem a sociedade acadêmico-científica que seria o único caminho para encontrar a resposta – tossiu – A solução foi permitir-me ser *infectado* pelos meus humanos de teste, Plínio. Não posso correr o risco de transmiti-la a ti. Entende agora o motivo de eu não ter comido nada no almoço? A comida poderia retardar o efeito desejado – falou antes de dar a última volta na



chave – Pegue. Esta é a chave – disse entregando-a a mim, abrindo apenas um pouco uma porta – Prometa trancar as portas assim que eu passar para o outro lado. Feche-as para que nada dê errado – falou em tom de partida – Há muito tempo eu não dava risadas, Professor Plínio – disse-me recuando um pouco – Este foi meu último lado humano a se manifestar. Agradeço-lhe profundamente por ter me proporcionado aquele momento. Meu amor é por ti.

Aquelas foram as últimas palavras de Professor Ambrose Vargas que escutei. Terminou com um agradecimento que só esquecerei quando morrer – coisa que não está muito longe de acontecer. Com força empurrei a porta; aos poucos o feixe de luz do laboratório que invadia a recâmara diminuía; deixei-o imerso na mais completa escuridão. Acho que ele ansiava ardentemente ouvir o ranger da fechadura; significaria que as portas estariam trancadas novamente. Não consegui, porém. Mãos na chave, chave na fechadura; não pude girá-la. Meus nervos foram abalados por ter captado cícios provindos do outro lado, o lado em que Professor estava. Cícios seguidos de grunhidos. Grunhidos seguidos de chiados e arrastados. O guinchar de criaturas *famintas*, agitadas com a escuridão e a noite que se formara sobre eles.

Ouvi som de respiração – uma mixórdia de sons – de origem inidentificável; vinha do lado de dentro em lenta aproximação. Segurei meu ímpeto de abrir as portas, tirá-lo daquele covil do medo por ter escutado um gemido mais forte e ameaçador; segurei meu impulso. Aquele gemido deu lugar a um urro estrepitoso; os gritos do Professor me causaram pânico. Ele estava sendo atacado, desmembrado pelas criaturas que incubara! Não suportando aquele som horrórico de carne dilacerada, distanciei-me da porta temendo pela minha sanidade. Respiração descontrolada; tentei encontrar uma saída; só o que pude fazer foi correr até minha mesa, deitar-me debaixo dela, tamanho nervosismo. Nem reparei que eu mal cabia no pequeno espaço entre as



pernas dela; queria apenas me proteger daqueles sons malditos que se aproximavam de mim, tapando com as mãos meus ouvidos, catatônico. Tremia descontroladamente. Tentei controlar a tremedeira; sem sucesso, claro. *Não estou vendo nada. Não tô escutando nada. Mas escutava. Ficava pior aquele som. Nada!*

Comido *vivo*, Professor não estaria mais ali para dar-me dicas do que fazer diante de situações difíceis. Sequer passara pela cabeça ter falhado na promessa que eu o fizera – o de trancar as portas. Deduzo que meia hora tenha passado até cessar os sons, os gemidos, os grunhidos. Desajeitado debaixo da mesa, eu tentava reconstruir a imagem do Professor; não aceitava sua morte. Quando reparei que havia silêncio, estranhei. Silêncio sepulcral, novamente. Como antes. Permaneci como estava. Foi aí que recordei que, talvez, eu não as havia trancado. Dúvida. Fechadas ou não? Não permiti sequer um músculo de meu corpo se movesse. Não queria sair dali até que meus nervos se acalmassem, meus ouvidos comprovassem que tudo estava bem outra vez. O som dos monitores, um ruído metálico – mais nada. Mas havia uma vibração no ar; uma vibração ruim eu percebi. Desta vibração pensei ter escutado alguma coisa. Algo anormal. Desoante.

Estalidos. Pois sim; estalidos. Vários *deles*, esparsos. Depois o som de algo sendo arranhado. Arranhado por unhas sujas, podres, dementes. Não era imaginação. O ranger da porta. Abrindo-se vagarosamente. Som de respiração. Vários *deles*, provindos das sombras daquele cômodo não-humano.

Girando um pouco a cabeça, percebi co'a visão periférica, uma a uma, aquelas criaturas aventurarem-se porta afora – a inspecionar a intensidade da luz do laboratório e constatando que não as feriam. Caminhavam, arrastavam-se num compasso próprio delas, em direção à porta de saída do laboratório. Eu as percebi da alcova eclodir. Lentamente. Sem interrupção. Gemendo. Comunicando-se entre si ou não. Grunhindo. Apenas



experimentando o exterior. Tentei controlar minha respiração. Fingir que ali eu não existia. *Famintos*, vagarosamente se aproximavam das portas que se ligavam às escadas; havia esquecido, as tinha deixado abertas – isso ocorreu quando encontrei Professor escorado na parede e acororado. Agora o resultado: *fugiram*. Fugiram de sua incubadora. Para o mundo exterior.

Foi com muito esforço que consegui. Evitei que aquelas criaturas me observassem – questiono-me se eu era ou não importante para elas, um pouco mais *alimentadas*. Mantive-me, de certa forma, protegido. E *vivo*.

Saí debaixo da mesa somente quando, passado horas, senti que não haveria mais perigo para mim. Insano por ter visto insanidades, a primeira coisa que fiz depois de levantar foi conferir, à distância, se da porta da recâmara não mais sairia nenhuma delas. Voltei até minha mesa; digitei a senha que ligaria as luzes do cômodo em que Professor entrara; mãos tremendo. Tive medo do que lá iria encontrar. Aproximei-me, por conta disso, vagarosamente da porta, preparando-me psicologicamente para o que veria. E o que vi foi o extremo do terror. Professor, ou o resultado da ágape demoníaca, por praticamente todos os lados daquela recâmara. Pedços faltantes de um braço ou de uma perna, misturados ao tingimento avermelhado no chão e também nas pilstras, indicavam que as criaturas esperavam ansiosamente por carne humana. Se faziam questão ou não de uma em especial, penso que a do Professor tenham apreciado, tamanha atrocidade. Deduzo. Talvez a carne do criador seja mais *saborosa*.

Sem perigo, ao menos para mim, tirei meu escafandro; joguei-o ao chão. Conferi no monitor do Professor se algum dado faltante havia aparecido. Piscava uma informação em vermelho. Os genes, dados que não apareciam em minha tela, haviam sido concluídos! Em outras palavras: uma nova formulação do DNA humano, este meio mutante meio não, havia sido criada. Por algum motivo que ignorei, o monitor estava interligado ao sistema



de Professor e também ao de suas criaturas não-domesticadas. Compreendi o porquê de ter guardado tanto segredo acerca delas. A elas intimamente ele estava ligado.

Fui até as portas do laboratório, as tranquei. Depois do que vi não só por uma vez, não me importei, verdade seja dita, com as outras pessoas no campus e na cidade. A esta altura, se aquelas criaturas tivessem o mínimo de interesse, elas já estariam infestando as ruas da cidade fazendo de outros homens semelhantes seus. Ou se alimentando mais. Cri piamente que elas jamais voltariam ao seu lugar de origem, laboratório de pesquisas do Professor. Por isso aqui permaneço. Não sei e não faço ideia de como está lá fora, noite alta. E se Professor pôde autoinfectar-se com aquele vírus talvez produzido pelos seus corpos (*eu não sei!*), qualquer pessoa num raio de um quilômetro ou mais também poderia. Pois estaria em contato. Direto. Com aqueles seres também de nosso mundo.

Medo? Mais do que eu senti? Duvido!

Posteriormente conferi se a internet estava funcionando. Naveguei na rede por um tempo tentando encontrar qual fora o último conteúdo a ter sido publicado nela. Encontrei um que havia sido publicado ali mesmo, na instituição, às cinco e trinta da tarde. Era de um aluno formando. Depois dele nenhum mais. O que se pode imaginar quando a rede não é mais usada por pessoa alguma?

Enquanto não for provado o contrário, sou o único Ser Humano na Terra! As probabilidades, sempre elas, me indicam que o planeta tornou-se propriedade dos Noturnos! E disso eu não duvido. Escuto apenas o som da energia elétrica que ainda abastece o monitor e os equipamentos de pesquisa de Professor. Até as rádio son line estão com som de estática, algo que nunca vi. Não sei até quando a energia elétrica vai continuar ativa. Tudo que sei é que se desencadeou um horror sem limites. E que não quero voltar para fora e vê-las novamente. Aumentando verti-



ginosamente seu número de acordo com seu lento avançar. Um planeta desinfetado de homens e infectado por *criaturas zumbis*. Enquanto elas se divertem, trocando de lugar com a humanidade, troco com elas seu habitat. Permaneço no mesmo lugar em que elas viveram desde quando vieram para este laboratório. Morrerei cá dentro, disso tenho certeza. Será este laboratório e incubadora meu novo lar. Não saio daqui nem morto. Mundo livre para elas, então.

Eu não tenho culpa!



Epílogo

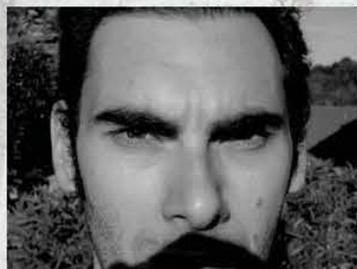
Encontro-me agora com fome. Sujo. Suado. Um último pingo de esperança, uma esperança tão-somente humana, me faz publicar na rede este meu relato manuscrito. Na tentativa de encontrar outro alguém. Que, igualmente a mim, tenha escapado ileso. Ou quase. É um grito desesperado por socorro. Mesmo sabendo que ninguém, se é que haja alguém vivo, será capaz de mover um dedo a meu favor. Ademais, qual louco sairá de seu esconderijo direto para as mãos infestadas, encardidas e malcheirosas destes *zumbis* malditos? A ansiedade me consome. Finjo e brinco de responder mensagens manifestando vida humana mundo afora; deparar-me sozinho não é fácil. Louco. Quem sabe eu tenha me tornado um. A solução é aguentar até o amanhecer. Ver se há alguma nova estatística publicada na rede. Além da minha, é claro. Além de meu relato.

Vamos! Responda Humanidade! Responda!





Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Leon Nunes, escreve desde 1995. Participou das antologias: "Irmandade das Sombras" CBJE/2008 com A Devoradora d'Almas; "Autores Fantásticos" Ed. Argonautas/2012 - com A origem do Horror de RedHook; "A Irmandade - Escritores de LitFan" Ed. CBJE/2013 - com Venere Tvrbl; "Nevermore" Ed. Estronho/2013 - com O Olho da gárgula; "Ascensão de Cthulhu" - Ed. Argonautas/2014 - com Velho Casarão; "Messias" - Conto no jornal Zero Hora, Caderno Planeta Ciência 2014. - Livros: Fúnebre Cortejo de 2011; Famintos de 2014 (reedição 2015) - Ed. Projeto Passo Fundo da qual é membro ativo e Tutor; e ainda, fundador do site A Irmandade.

Encontro-me agora com fome. Sujo. Suado. Um último pingo de esperança, uma esperança tão-somente humana, me faz publicar na rede este meu relato manuscrito. Na tentativa de encontrar outro alguém. Que, igualmente a mim, tenha escapado ileso. Ou quase. É um grito desesperado por socorro. Mesmo sabendo que ninguém, se é que haja alguém vivo, será capaz de mover um dedo a meu favor. Ademais, qual louco sairá de seu esconderijo direto para as mãos infestadas, encardidas e malcheirosas destes zumbis malditos? A ansiedade me consome. Finjo e brinco de responder mensagens manifestando vida humana mundo afora; deparar-me sozinho não é fácil. Louco. Quem sabe eu tenha me tornado um. A solução é aguentar até o amanhecer.

Ver se há alguma nova estatística publicada na rede. Além da minha, é claro. Além de meu relato.

Vamos! Responda Humanidade! Responda!

ISBN 978-858326074-5



9

788583

260745



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura